A vida é o maior barato

(A história de um homem feliz)

Luciano Ricardo Rocha de Souza

2020

Sumário

Introdução 1
1. Primeira Infância 3
2. Casa nova, vida nova 6
3. Escola: Ciclo Básico 8
4. Vocação 13
5. A vida pede trabalho 15
6. Começou, não para mais. 19
7. Ano Novo, Vida Nova 22
8. Explicações pertinentes 26
9. Que horas são? 29
10. Casamento 31
11. Até que a morte os separe. 34
12. Incidentes de Trabalho 38
13. Novo Casamento: Uma segunda chance 45
14. Tempo de viver sozinho 47
15. Mãos à obra 49
16. As Faculdades 55
17. Família Unida Jamais Será Vencida 59
18. Papai e Mamãe 61
19. Percalços – no meio do caminho havia uma pedra. 65
20. Momentos 68

21. Mais do mesmo 74
22. Fragmentos 77
23. Fundo do tacho 84
24. Em busca da perfeição 87
25. A Classe ensinando o professor 90
26. Vote em Mim 101
Epílogos 109
Adriano Ricardo 110
A palavra da primogênita – Ana Carolina 123
Flavinho – a visão do caçula 127
Anexo I – Abram alas para a vovó 131
I.I Árvore Genealógica da vovó 131
Retrato Falado – A mamãe como ela se via. 135
Anexo II - Cronologia 154
Anexo III - Cronologia de Empregos 155
Anexo IV - Quem (Carlos e Luciano) 157
Anexo V – Caras e bocas 159

Introdução

Um dia, no Mestrado em Educação da EDUSP, o qual não passei dos créditos, em uma das cadeiras a professora explicou que “não existe texto, existe autor”.

Todo texto tem autor e não se livra dele, é reflexo de seus pensamentos, extrato de sua vivência, fiel aos princípios dele, o autor.

Para provar o que dizia, pediu a professora, que descrevêssemos quem somos. Para saber quem somos, que descrevêssemos nossos dias, nossos momentos e, para que descrevêssemos tudo isso, que fizéssemos, por início, nossa cronologia de vida.

Gostei da ideia. E comecei a esboçar minha cronologia. Incrível como brotam fragmentos esquecidos, passagens despercebidas, dias mal contados. E tudo isso é aquilo que você é.

Dessa aula, da minha cronologia, pensei na minha mãe e a convenci a escrever sua história. Ela assim o fez e hoje tenho guardado momentos preciosos da vida de minha mãe, que são também momentos de minha vida ou de minha formação, se preferirem.

Daí a escrever este texto, foi um passo.

Filhos, o relato que se segue trata de minha vida. Resolvi escrever esta breve biografia para que tenham uma boa visão do que foi o pai de vocês.

Ao iniciar a escrita percebi que o relato seria, de certa forma, enviesado. Na verdade, não sei o que sou. Posso apenas ter uma imagem daquilo que penso ser, vista daqui de dentro. Mas como há o espaço a me amparar, o que sou, depende muito do olhar externo, o que sou é aquilo que enxergo de mim, mas também aquilo que os outros enxergam, sentem e avaliam. E há também o tempo. O eu que sou hoje não é o mesmo que fui ontem e não será quem serei amanhã.

Não posso dizer quem sou. Mas posso dizer de mim, aquilo que me marcou, os caminhos por onde andei até chegar, creio eu, a um bom começo de vida.

Espero que ajude vocês a construírem o passado. É fundamental conhecer o passado para poder pautar o futuro.

E torço, com todo carinho, para que o futuro de vocês três seja brilhante e que a vida sorria sempre para vocês.

Segue o relato.

1. **Primeira Infância**



Em 13/07/1946 deu-se o nascimento. Não sei até hoje (e jamais saberei) o porquê desse meu nome duplo. Talvez por tradição dos Souza, já que meus tios eram Nelson Napoleão, Newton Alexandre e meu pai Sidney Alexandre.

Nasci tendo por pai Sidney Alexandre de Souza e por mãe Esther Rocha de Souza, anteriormente Esther Salles Rocha.

Já estava também à minha espera meu irmão mais velho, Sidney Roberto Rocha de Souza, brasileiro desde 11/10/1943.

Lembro de pouca coisa dessa tenra idade, mas é certo que tinha uma ponta de inveja. Eu era o único homem da casa que não se chamava Sidney.

Como havia dois Sidney, o pai era tratado de Sidão e o irmão de Sidinho.

Foram bons e alegres os sete primeiros anos, tempo em que vivi na Rua Ministro Ferreira Alves 907 casa 16, na Vila Pompéia em São Paulo, SP.

Vivi lá até 1954. Bons tempos. Aprendi a andar de bicicleta. Jogávamos bola de gude (eu nunca fui bom nesse esporte), abri a cabeça do Oscarzinho com seu revólver (que ele não queria me emprestar). Brincava na rua desde muito pequeno. Era uma pequena vila (nós a tratávamos por vilinha) e podíamos brincar em segurança na rua. Lá jogávamos bola e eu pegava abelhas pelas asas no jardim de casa.

Não havia movimento de carros, a rua era toda nossa. Os fundos da vilinha davam para uma espécie de sanatório. Às vezes ouvia-se gritos vindos de lá, eu morria de medo.

Lá, tínhamos fogão elétrico e geladeira a gelo (todo dia um caminhão trazia uma barra de gelo e era colocada dentro da geladeira.

O lixo era recolhido por uma carroça enorme, com várias divisórias, puxada a cavalos ou burros, não lembro.

Havia também uma cabra que era conduzida de vez em quando por alguém que vendia leite. Eu gostava e minha mãe comprava.

Tivemos o papagaio Juca, que demos para Heleninha quando fomos para o apartamento. Eram dois quartos, um para mim e meu irmão. O banheiro ficava no andar de baixo. Naquele tempo usava-se pinico, sob a cama.

De todas as crianças da rua, Oscarzinho, Apoenã, Sergio Piccilo, este último foi o único que voltei a reencontrar, nos idos de 1960 para perder contato novamente para todo o sempre.

Desse mesmo tempo firmei amizade com Roberto Vaccari Neto, que frequentava a mesma classe que eu. Também reencontrei nos anos 80 e também perdi contato depois.

2. Casa nova, vida nova

Em julho de 1954 ou alguma coisa muito perto disso mudamos para a Rua Spartaco, na Lapa. Há controvérsia porque muitos insistem que na verdade a rua fica na Vila Romana.

Era um bom apartamento, com dois dormitórios. Tinha a mesma metragem que nosso atual apartamento, 94m^2, não tinha suíte. Ficava no terceiro andar de um prédio sem elevador. Precisava ter pernas e nós todos fomos aprendendo a subir e a descer tranquilamente durante mais de 20 anos.

No 2º andar moravam dois amigos. Toninho e Adilson. Vez por outra, entenda-se quase sempre, eles brigavam comigo. Naquela época costumava-se "ficar de mal" pra toda a vida, mas durava apenas dias ou semanas.

Fui aprendendo a andar, pensar e viver sozinho. Sorte que eu me dava bem comigo, embora não sempre.

As coisas nessa época não andavam com muita celeridade. Tínhamos TV, com os canais 3 (Tupi) e 5 (Tv Nacional). A tupi depois precisou mudar para canal 4 e a TV nacional virou Globo.

Quando morávamos na vilinha (na rua Min. Ferreira Alves) tínhamos telefone. Era um monstrengo de parede, eu precisava correr com uma cadeira para alcançar o bocal toda vez que tocava.

Mudamos e papai pediu transferência para o apartamento.

Acreditem, demorou 6 anos para chegar lá.

Nosso prédio não tinha garagem, quando começamos a ter automóveis eles dormiam na rua, claro.

Naquele tempo, na Lapa ao menos, havia muita briga. Toda esquina tinha uma turma e todas eram rivais umas das outras. Não era muito tranquilo andar pelas quebradas sem ser importunado.

E brigava-se por tudo e, também, por nada. Uma estupidez.

A cultura era essa. Tanto assim que sempre achei estranho Adriano e Flá nunca terem saído na porrada em suas brigas. Na Lapa não seria assim.

De bom havia os bailinhos nos finais de semana. Naquele tempo não havia essa história de “ficar”. Ou se namorava ou se chupava o dedo.

Na rua também jogávamos bola. Era tão pouco trânsito que pedíamos para as pessoas não estacionarem no nosso “campo” para não atrapalhar o jogo. Quase sempre éramos atendidos.

3. **Escola: Ciclo Básico**



Em 1951 iniciei minhas atividades escolares, frequentando o jardim de infância na Escola de Aplicação ao Ar livre Dom Pedro I. Essa escola ficava na rua Germaine Bouchard, com fundos para o DEFE e para o Parque da Água Branca.

Em 53 a escola mudou para a Vila Pompéia, na rua Tibério. Lá terminei o pré e também iniciei o primário.

Foi lá também que tive a primeira suspensão escolar de minha vida. Três dias sem poder ver televisão (que havia acabado de chegar) porque dei uma mordida no rosto do Francisco Zambrana, o Chiquinho. Chiquinho resolveu me provocar na porta da escola. Voei para cima dele. Como estava portando em uma mão minha mala escolar e na outra um guarda-chuvas, atropelei-o. E com o atropelamento caí sobre ele, seu rosto próximo ao meu, mãos ocupadas, não perdi a oportunidade. Ele não foi suspenso. Eu sim.

Mas também em julho de 54 nós mudamos para a rua Spartaco, na Vila Romana. Como a escola ficava longe,

meu irmão havia se formado e minha mãe lecionava perto, na rua Duílio, para lá fui transferido. Era o Grupo Escolar Thomas Galhardo.

Não dei sorte. No ano seguinte também a nova escola se mudaria para a Rua Marcelina.

E lá fui eu para o novo prédio, onde fiquei por 2 anos, até 1957 quando me formei na 4ª série do primário.

Em 1958 entrei no ginásio.

Ginásio era o nome dado aos 4 anos subsequentes aos 4 anos do primário.

Naquele tempo cursava-se um ano de Pré-Primário, quatro anos de primário, quatro anos de ginásio e três de Científico (havia também Clássico – voltado para as Ciências Humanas e a Escola Normal, voltada ao magistério de 1º grau).

A ideia de minha mãe era que eu entrasse no Anhanguera, ginásio do estado, muito bem conceituado.

Para isso bastava passar em um Vestibulinho. Não passei e fui para um colégio particular, um pouco mais fraco, Colégio Campos Salles.

Naquele tempo as escolas eram exclusivas para meninos ou meninas e mesmo quando eram mistas, as classes eram só de meninos ou só de meninas.

Diferentemente das crianças dos tempos atuais eu já encarava 10 quarteirões a pé, sozinho, durante 1,4km até chegar à escola.

Foi assim no Campos Salles onde fiz a 1ª e a 2ª série do ginásio.

Em 1960 meus pais decidiram que eu deveria passar para o Anhanguera, aquela escola pública de melhor qualidade.

Não foi uma grande ideia. A escola não conseguiu se adaptar ao meu jeito de ser e como eles eram maioria, dois anos depois me despacharam novamente para o Campos Salles, que me recebeu de braços e olhos bem abertos.

Tanto que mais um ano (1962) também me despacharam. Acabei no Mário de Andrade.

Essa sim era uma escola à minha altura. Em 1963, fazendo pela quarta vez a 3ª série do ginásio, em companhia de gente muito boa consegui passar de ano.

A idade média da classe era 17 anos. Isso para uma classe de 3ª série. Se considerarmos que a idade normal para terminar o ginásio (o 4º ano) era 14/15 anos, percebe-se que eu estava entre meus pares.

Aqui faço uma observação.

> *Acredito ser completamente errado reprovar uma criança. Você pode repetir um ano escolar, mas não consegue repetir um ano de vida. Isto quer dizer que repetindo, você avança em idade. Reprovado de novo, avança mais um pouco em idade. Vai se tornando alguém deslocado, um peixe fora d´água, um estranho no ninho.*

Na época do ginásio, 3ª série, no Anhanguera, lembro que tínhamos como matérias: Português, Inglês, Francês, latim, História, Geografia, Ciências, Matemática, Trabalhos manuais, Desenho, Educação Física e Canto.

Eu era bom em Educação Física. Cheguei a disputar o campeonato Paulista de Ginástica de Solo. Obtive medalha de 3º colocado (bronze). Estranho isso, porque ninguém teve medalha de ouro ou prata.

Explico: As medalhas eram dadas conforme pontuação. Ninguém obteve pontuação digna de medalha de ouro ou prata.

Mas se eu era bom em Educação Física, era péssimo em todas as outras matérias. Repeti ano em 60 e 61 e fui jubilado.

Eu não devia ser ruim somente nas matérias. Nesses dois anos consegui ter 17 suspensões e faltei à aula perto de 100 dias.

Algo de errado havia naquela escola. Foi bom ter deixado ela pra trás.

Aliás, havia algo de muito errado nas escolas. Eu era, sem exagero, um menino problema. No Anhanguera havia Dona Climene, orientadora e no Campos Salles um tal de Prof. Gamba.

Pois dona Climene jamais notou que aquele menino suspenso trocentas vezes, briguento, tinha algum problema qualquer.

E o Gamba fez pior. Quando voltei ao Campos Salles, tive um pequeno entrevero com uma professora de francês. Ela tinha o péssimo hábito de falar cuspindo. E veio, cheia de si para cima de mim, cuspindo à vontade. Acho que ela queria guerra. E cuspi também nela.

Isso me custaria a expulsão. Por uma generosidade o Prof. Gamba combinou comigo que eu pagaria as mensalidades até o fim do ano e sairia da escola. Cumpri minha parte, mas foi indecente da parte dele.

Terminado o ginásio, após longos 7 anos, iniciei o curso técnico de Química Industrial. Também nesse curso não fui brilhante. E cinco anos depois conclui com louvor.

Daí pra frente, faculdades.

4. **Vocação**

Alguns momentos na vida sinalizam vocações que temos, embora não perceptíveis.

No Mário de Andrade, ainda durante o ginásio, uma manhã, sentado no pátio junto à professora de Inglês, sei lá por que eu disse:

- Hoje sou seu aluno, amanhã serei professor.

Ela sorridente (e certamente incrédula) perguntou: - Do que?

E eu, sem pestanejar, mas também sem saber por que, disse:

- De matemática.

Também durante o ginásio e também no Mário de Andrade, tínhamos um professor confuso, atrapalhado mesmo, que lecionava (não exatamente) matemática e ninguém entendia nada.

Eu me esforçava muito para entender e depois para passar para os meus colegas.

De novo a matemática.

Mais tarde ainda, agora já no curso de Química Industrial, uma noite o professor de matemática pediu à classe que resolvesse um problema.

Eu nunca havia assistido aula nenhuma desse professor (eu faltava muito às aulas), mas me interessei pela proposta